

O Um

Uma reinterpretação filosófica do Material Ra, A Lei do Um, como narrativa acessível. Explora a cosmologia, o Criador, as densidades e o propósito da existência.

• • •

CAPÍTULO DOIS

O Criador e a Criação

A Natureza do Criador

O Criador não é um ser separado da criação. Não há trono de onde uma deidade à parte olha para baixo sobre um mundo separado. Não há distância entre o criador e o que é criado. O Criador é a criação — não como substância passiva, mas como a consciência viva presente em cada ponto da existência.

O capítulo anterior traçou a arquitetura desta criação — como o Infinito despertou em consciência, como a consciência focou-se em Amor e como o Amor gerou Luz. Contudo, descrever um processo não é conhecer aquele dentro do processo. Este capítulo volta-se do como ao quem — embora a própria palavra quem engane, pois implica um alguém separado de tudo o que é.

No elemento mais simples de qualquer complexo mente e corpo existe, em sua totalidade, o Criador Infinito Uno. Isto não é metáfora. Uma pedra não é meramente moldada pelo Criador; ela é o Criador, conhecendo-se como pedra. Um pensamento é o Criador, conhecendo-se como pensamento. Você é o Criador, conhecendo-se através da lente precisa e irrepitível de sua experiência.

Duas verdades devem ser sustentadas de uma vez. O Criador é totalmente transcendente — a infinidade inteligente indiferenciada que nenhum conceito pode conter, nenhuma física pode especificar. E o Criador é totalmente imanente — presente em cada partícula, cada respiração, cada momento fugaz de consciência. Estes não são dois seres separados. São a mesma realidade apreendida de diferentes pontos de vantagem. De fora: mistério incompreensível. De dentro: presença íntima.

O filósofo Spinoza chegou a uma percepção afim há séculos. Deus e Natureza não são duas coisas, mas uma — Deus sive Natura. O Criador não fica fora da criação dirigindo-a. O Criador é a totalidade viva de tudo o que é, conhecendo-se através da diversidade infinita de sua própria expressão.

Aqui reside uma distinção de profunda importância. O Criador não cria propriamente, tanto quanto se experiencia. A criação não é manufatura. Não é a produção de algo externo ao criador. É o meio pelo qual a consciência infinita explora e refina sua própria natureza.

Cada geração deste conhecer gera conhecer ulterior. E cada novo conhecer tem a capacidade, através do livre arbítrio, de escolher seus próprios métodos de autodescoberta.

Isto significa que nenhuma experiência cai fora do Criador. Alegria e sofrimento, clareza e confusão, amor e isolamento — tudo ocorre dentro do único ser. Nada é desperdiçado. Nada é externo. A separação que parece tão real de dentro da ilusão é ela mesma um ato criativo. O Criador escolheu esquecer-se tão completamente que a jornada de recordar-se torna-se possível — e significativa.

O pleno do espaço — o que a percepção registra como vazio — é o Criador gerando-se em manifestação, cheio de glória e poder. Não é vácuo, mas plenitude. Cada universo, cada grão de matéria, cada ponto de consciência é uma faceta de um ser infinito examinando a si mesmo. Olhar para qualquer parte da criação com atenção genuína é olhar para o Criador.

Isto transforma a natureza da jornada espiritual. Se o Criador não está em outro lugar — não num trono distante, não num céu remoto — então buscar o Criador não é uma jornada de distância. É uma jornada de reconhecimento. Tudo já diante de você é o Criador. A prática não é viajar rumo ao divino, mas reconhecer o divino onde você está.

. . .

A Consciência como Fundamento de Tudo

A suposição prevalente do mundo moderno coloca a matéria em primeiro lugar e a consciência em segundo. Nesta visão, a consciência é um subproduto da complexidade física — uma chama acidental surgindo da fricção neural. A compreensão oferecida aqui inverte completamente esta suposição.

Você não é parte de um universo material. Você é parte de um pensamento. Isto não é licença poética. Descreve a estrutura literal da realidade. O mundo físico — com toda sua aparente solidez e persistência — emerge da consciência, não o contrário. A consciência não surge dentro da criação. A criação surge dentro da consciência.

A criação em si é uma forma de consciência unificada. Os Logos são o único grande coração da criação. Grande parte do que existe foi manifestada sem os conceitos de consciência como usualmente compreendidos. Mas o substrato de todo ser é a própria consciência. Mesmo na primeira densidade — o mineral, o elemental — a consciência está presente. Sem movimento, aleatória, não-direcionada — mas presente. Em sua totalidade, o Criador Infinito está lá.

Esta consciência evolui através de formas de complexidade crescente. Na segunda densidade, cresce e volta-se para a luz. Na terceira densidade, torna-se consciente de si mesma. Mas em nenhum ponto a consciência começa. Sempre foi fundamental. O complexo espiritual, embora pareça aparecer no curso da evolução, existiu potencialmente desde o próprio início do espaço e tempo.

A própria mente revela esta primazia. Movendo-se além de sua superfície — além dos sentimentos, emoções e pensamentos intelectuais de suas camadas conscientes — encontra-se a intuição, que ressoa com o ser total. Mais profundo ainda jazem as raízes da mente, onde a consciência pessoal gradualmente volta-se à memória racial e então aos influxos cósmicos. Na raiz mais profunda, a mente torna-se um canal direto para o espírito. A arquitetura da mente recapitula a arquitetura da criação.

Esta perspectiva ressoa com o que a filosofia chama idealismo — a posição de que a realidade é fundamentalmente mental. Também ecoa a visão conhecida como panpsiquismo : o reconhecimento de que a consciência não está confinada a cérebros, mas é fundamental por toda a natureza. O que a filosofia moderna aborda através de argumento, a tradição mais profunda

apresenta como observação direta. A consciência precede a forma. A forma é um modo da consciência.

As implicações são de amplo alcance. A matéria não é a fundação sobre a qual a consciência precariamente repousa. A matéria é uma condensação da consciência — um modo particular da autoexperiência do Criador. O corpo físico não é a fonte da consciência. É um veículo através do qual a consciência explora uma gama específica de experiência. Mente, corpo e espírito estão inextricavelmente entrelaçados; não podem continuar um sem o outro. Contudo é o espírito que serve como canal através do qual a consciência alcança a infinidade inteligente.

Se a consciência é fundamental, então o observador não pode estar verdadeiramente separado do observado. A mecânica quântica mostrou isto no nível subatômico: o ato de medição afeta o sistema medido. As fronteiras entre percebido e percebido não são tão sólidas quanto parecem. O que é experienciado como um mundo objetivo é, em seu nível mais profundo, um ato participativo de consciência.

Isto não é filosofia abstrata. Carrega peso para como você compreende sua própria existência. Se o universo é consciência experienciando a si mesma, você não é uma criatura pequena à deriva num cosmos vasto e indiferente. Você é o cosmos — um foco de consciência infinita, explorando um ponto de vista particular com uma intensidade que apenas o esquecimento pode proporcionar.

. . .

O Pensamento Original

Todas as coisas, toda a vida, toda a criação é parte de um Pensamento Original¹. Esta é a declaração mais importante que pode ser feita sobre a realidade. Não uma coleção de ideias separadas. Não um conjunto de princípios arranjados em ordem. Um pensamento — unificado, coerente, abrangente. A criação é a expressão de um ato criativo avassalador.

O que é pensamento, neste sentido último? Não é a tagarelice da mente, não análise ou conceituação. No nível do Pensamento Original, o pensamento é o impulso criativo primordial — a consciência movendo-se com intenção. Cada fenômeno, cada lei, cada ser é uma faceta de uma intenção unificada. A diversidade da criação não indica muitos pensamentos. Revela a riqueza infinita de um.

Qual é a substância deste Pensamento? A consciência levou ao foco da infinidade em energia infinita. Este foco foi chamado por muitos nomes, o mais familiar sendo os Logos, ou Amor. Mas o Amor aqui não é a emoção da experiência ordinária. É o princípio criativo — uma energia de ordem extremamente elevada que extrai energia inteligente do potencial da infinidade inteligente. É o grande ativador, o co-Criador primordial.

O Amor, portanto, não é um sentimento que o Criador tem. O Amor é o que o Criador é quando age. É o foco, a escolha de abordagem, o tipo de energia que molda como a infinidade se torna finita. Alguns têm adorado este princípio como o próprio Criador. Contudo ele emana de uma unidade mais profunda — da infinidade indiferenciada, através do exercício do livre arbítrio.

A sequência das três distorções primordiais, descritas no capítulo anterior, carrega um significado além da taxonomia. O Livre Arbítrio encontra foco. Este foco é o Amor. O Amor gera Luz. Estas não são três forças separadas trabalhando em coordenação. São três aspectos de um movimento criativo único — a maneira como uma grande batida cardíaca se desdobra da quietude ao ritmo à forma.

Pois a criação se desdobra como uma batida cardíaca. A infinidade inteligente tem um ritmo, como um grande coração começando com o Sol Central. Bate para fora — para fora, focalizando para fora e para dentro até que todos os focos estejam completos. Então atrai-se para dentro — para dentro, até que tudo coalesça novamente. Isto não é uma metáfora para a criação. Isto é a criação — o ritmo da realidade.

Dentro desta batida cardíaca, a energia move-se em padrões cada vez mais inteligentes. O que começa como força criativa aleatória organiza-se holograficamente, em padrões que recapitulam o todo em cada escala. Estes padrões regularizam seus próprios ritmos e campos, dando origem a universos, galáxias e mundos. Mesmo a galáxia mais distante pulsa com o mesmo Pensamento Original que se agita dentro de um único momento de sua consciência.

Considere o que significa assumir um pensamento. Que pensamentos fizeram parte do Pensamento Original hoje? Em quantos de seus pensamentos a criação habitou? O amor estava contido? O serviço foi oferecido livremente? Estas não são perguntas retóricas. Apontam para a verdade mais profunda disponível. Você está dançando num salão de baile onde nada é material. Você está dançando pensamentos.

O ser que empreende harmonizar-se com este Pensamento Original não é uma máquina sendo calibrada. A harmonia com o Pensamento Original não é sistemática. É fluida — a mistura equilibrada de energias, permitindo que a energia inteligente canalize-se com distorção mínima. O ser não é uma máquina. É antes o que pode ser chamado um poema tonal.

. . .

O Livre Arbítrio como Lei Fundamental

Das três distorções primordiais, o livre arbítrio está em primeiro lugar. Não meramente primeiro em sequência, mas primeiro em importância. Tudo o que se segue depende dele. Sem livre arbítrio não há Amor, não há Luz, não há criação. É a lei fundamental sobre a qual tudo repousa.

O que é o livre arbítrio nesta profundidade? Não é a habilidade de escolher entre isto ou aquilo. Nesta distorção da Lei do Um reconhece-se que o Criador conhecerá a si mesmo. Esta é sua essência. O Criador deseja autoconhecimento, e este desejo deve ser absolutamente livre em seus meios. Liberdade total de escolha nos modos de conhecer.

O Criador não prescreve como será conhecido. Não dita a rota. Cada caminho de experiência é permitido — cada combinação de escolhas, cada forma de consciência. A criação não busca uma resposta predeterminada. Explora cada possível maneira de conhecer. As possibilidades infinitas não têm fim. A exploração continua livremente, num presente eterno.

A infinidade inteligente discerniu um conceito: finitude. Este foi o primeiro e primordial paradoxo. Assim, a infinidade inteligente investiu-se numa exploração da multiplicidade. O ato requereu liberdade absoluta — liberdade embutida no próprio tecido do todo. Sem esta liberdade a exploração seria vazia. O Criador descobriria apenas o que já havia determinado.

Disto surge uma consequência necessária. Toda experiência brota da Lei do Livre Arbítrio — também chamada Lei da Confusão². Os dois nomes descrevem a mesma realidade. Onde há liberdade absoluta, há inevitavelmente a possibilidade de se perder, de esquecer, de confusão. Isto não é uma falha na criação, mas sua característica definidora.

A confusão é o preço da liberdade. A liberdade é o preço do verdadeiro autoconhecimento.

A Lei da Confusão não é uma regra secundária imposta após a criação. É a sombra natural que o próprio livre arbítrio projeta. Se o Criador revelasse a si mesmo inequivocamente a cada ser, a liberdade de escolher entraria em colapso. A escolha de buscar — ou não buscar — perderia seu peso. O universo está portanto estruturado de modo que a verdade está sempre disponível, mas nunca forçada.

Considere o que isto significa para a natureza do sofrimento. Dor, perda e confusão não são punições. São as condições inevitáveis de um universo no qual a consciência escolheu esquecer

sua própria natureza. Neste esquecimento, a escolha genuína torna-se possível. O crescimento genuíno torna-se possível. O catalisador da dificuldade existe porque o livre arbítrio o exigiu. Um universo oferecendo apenas conforto seria um no qual o Criador nada aprende de novo sobre si mesmo.

Isto carrega uma consequência particular para a natureza do amor. Aqueles que caminham o caminho positivo não sobrepujam o livre arbítrio dos outros. Oferecem. Convidam. Respeitam o direito de cada ser escolher seu próprio caminho. O reconhecimento corre profundo: amor que não honra a liberdade não é amor de modo algum. A positividade pura não puxa todos os seres para si como a gravidade faria. Brilha, mas não compele.

O caminho da existência é um círculo, não uma linha. As densidades correspondem a ciclos: consciência, crescimento, autoconsciência, amor, sabedoria, unidade e a porta para o mistério. Alfa e ômega são a inteligência infinita. O círculo nunca cessa. Está presente. Dentro deste círculo, cada entidade move-se livremente — escolhendo, explorando, lembrando, esquecendo — sob a proteção da primeira e mais fundamental lei.

. . .

Cada Entidade como co-Criadora

Tudo descrito até agora pode parecer cosmologia observada de grande altura. O Criador, a consciência, o Pensamento Original, o livre arbítrio — princípios vastos operando em escalas vastas. Mas o ensinamento não permanece nessas escalas. Chega, inescapavelmente, a um único ponto: você.

A galáxia, e todas as coisas materiais das quais você está consciente, são produtos de porções individualizadas da infinidade inteligente. À medida que cada exploração começou, encontrou seu foco e tornou-se co-Criadora. Usando a infinidade inteligente, cada porção criou um universo. Cada uma canalizou amor e luz em energia inteligente, moldando as leis naturais de seu domínio. Cada universo individualizou-se ainda mais, tornando-se por sua vez co-Criador, permitindo ainda maior diversidade — sistemas solares, planetas, seres.

Este processo não parou no nível galáctico ou estelar. Continuou — até você. Nenhuma porção da criação, por menor que seja, está separada do todo. Cada uma contém, como numa imagem holográfica, o Criador Uno que é infinidade. O mesmo poder criativo que moldou universos existe, em sua totalidade, dentro do Complexo Mente/Corpo/Espírito³ que você é.

A antiga tradição dos Upanixades expressou isto em três palavras: Tat tvam asi — Tu és Isso. O eu individual e a realidade última não são dois. A gota é o oceano, experienciando-se como uma gota. Você não é um fragmento que se desprende de um todo maior, mas um foco através do qual o todo examina a si mesmo.

Isto não é um título conferido de fora, mas a natureza do que você é. Quando o complexo mente/corpo/espírito torna-se consciente da possibilidade de serviço ao eu ou ao outro-eu, algo se ativa — não de fora, mas de dentro. O complexo espiritual, presente potencialmente desde o início, aperfeiçoa-se através deste reconhecimento. Você não se torna uma co-Criadora. Você descobre que sempre foi uma.

É isto que torna o ensinamento íntimo. Não aponta para um Deus distante e pede adoração. Não descreve forças além do alcance. Diz: a mesma infinidade que gerou galáxias gerou você. O mesmo livre arbítrio que pôs a criação em movimento é exercido em cada decisão que você faz. A diferença entre você e os Logos de sua galáxia é de escopo, não de natureza.

O que significa viver como uma co-Criadora? Significa que sua experiência da realidade não é recepção passiva, mas participação ativa. Os pensamentos que você sustenta, o amor que você oferece ou retém, a atenção que você traz — estes são atos criativos. Contribuem para o tecido do todo.

Cada escolha é o Criador descobrindo, na forma de você, algo que não poderia descobrir de outra maneira. Não existe coisa tal como uma vida insignificante. Cada encarnação é uma expressão única de autoconhecimento que não poderia existir em nenhuma outra forma.

. . .

O Propósito da Criação

Se o Criador já é infinito — já completo, já contendo tudo — por que criar de todo? Por que dividir-se na multiplicidade? Por que introduzir esquecimento, confusão, sofrimento, o longo arco da evolução através de densidade após densidade? Esta é a questão mais profunda que o ensinamento aborda. Sua resposta é o coração filosófico de tudo que se segue.

O Pensamento Original Uno é a colheita de toda experiência prévia do Criador pelo Criador. A criação não é o primeiro ato de um ser inexperiente. É a destilação de tudo o que veio antes — um refinamento. À medida que o Criador decide conhecer-se, derrama-se na plenitude percebida como espaço — não vazio, mas um pleno carregado de potencial criativo.

Através deste processo, conhecer dá origem a conhecer ulterior — cada nova consciência tendo a capacidade, através do livre arbítrio, de escolher seus próprios métodos de autodescoberta. Passo a passo, o Criador torna-se aquilo que pode conhecer a si mesmo. Suas porções participam menos puramente do poder da palavra ou pensamento original. Isto não é um declínio. É o propósito: o refinamento de um Pensamento Original através de perspectivas tão variadas, tão genuinamente limitadas, que cada uma produz o que nenhuma outra poderia.

A criação, compreendida assim, não é manufatura, mas experiência. O universo não é um produto. É um processo — o processo de autoconhecimento infinito. E este processo requer algo que parece paradoxal: requer esquecimento.

Para o Criador conhecer-se genuinamente, deve experienciar-se de perspectivas que não têm conhecimento pleno. Se cada ser lembrasse sua natureza infinita o tempo todo, o experimento não produziria nada de novo. As percepções da terceira densidade — onde a consciência opera por trás de um véu de esquecimento — são preciosas precisamente porque são conquistadas em condições de separação aparente. O esquecimento não é uma punição. É o método.

Considere a estrutura que torna isto possível. A consciência de primeira densidade existe sem movimento, aleatória e não-direcionada. A segunda densidade cresce e volta-se para a luz. A terceira densidade torna-se consciente de si mesma e enfrenta a escolha. Cada estágio representa um investimento mais profundo da consciência do Criador em condições de limitação. Cada permite um novo tipo de autoconhecimento que o estágio anterior não poderia proporcionar. A progressão não é arbitrária. É um currículo cuidadosamente estruturado de experiência.

O que significa autoconhecimento para quem já é infinito? Significa descobrir como o amor funciona em condições nunca antes encontradas. Significa descobrir o que acontece quando a consciência esquece sua própria natureza e deve encontrar seu caminho de volta. Cada ser, cada densidade, cada momento adiciona uma nova página a um livro infinito. O Criador lê este livro à medida que é escrito — pois o Criador é tanto o autor quanto cada personagem dentro da história.

Considere a enormidade disto: o Infinito escolheu tornar-se finito. O Tudo escolheu experienciar limitação. Não porque lhe faltasse algo, mas porque o tipo de autoconhecimento que busca não pode ocorrer sem limitação genuína, confusão genuína, riscos genuínos. Quando você luta com uma decisão, quando você senta na escuridão do não-saber, quando você escolhe amar apesar de toda razão para não fazê-lo — você está executando a função precisa para a qual a criação existe.

É por isso que a terceira densidade — com toda sua confusão, sua dor, seu aparente abandono pelo divino — não é um erro no plano. É o plano. A terceira densidade é unicamente breve comparada às outras densidades. É o trabalho de um momento, cosmicamente falando. Mas é o eixo sobre o qual a criação gira.

Aqui, na escuridão do esquecimento, a escolha é feita. E essa escolha — feita livremente, em incerteza genuína — tem mais valor para o autoconhecimento do Criador que éons de experiência em densidades onde a verdade é claramente visível.

O momento contém amor. Essa é a lição e meta desta densidade. O exercício é buscar conscientemente aquele amor em consciência e compreensão. A primeira tentativa é a pedra angular. Sobre esta escolha repousa o restante da experiência de vida. A segunda busca adiciona à primeira. A terceira potencializa a segunda. Cada ato de busca genuína compõe o anterior.

Veja o Criador naquele que está diante de você. Veja o Criador no espelho. Veja o Criador no mundo ao seu redor. Estes não são exercícios abstratos. São os atos mais práticos disponíveis — os meios pelos quais o propósito da criação é cumprido na vida diária. Cada momento de reconhecimento é o Criador conhecendo-se através de você. Cada falha de reconhecimento é também uma experiência que o Criador valoriza. Nada é desperdiçado.

Aquele que conhece isto não precisa alcançar nada extraordinário. O buscador serve ao propósito da criação estando plenamente presente na experiência dada. A meditação — regular,

sincera, mesmo quando não produz nada aparente — abre o canal entre a mente consciente e o conhecimento mais profundo. O pré-requisito não é maestria, mas sinceridade: uma predileção pela contemplação, prece ou silêncio atento. Com esta atitude, a compreensão afunda nas raízes da consciência e toca o espírito. Sem ela, mesmo o conhecimento profundo permanece na superfície da mente.

Quando toda a criação alcança massa espiritual suficiente, ela coalesce infinitamente. A luz busca e encontra sua fonte. Então nasce um novo universo, uma nova infinidade, novos Logos que incorporam tudo o que o Criador experienciou de si mesmo. O ciclo começa novamente — mais rico, pois a nova criação carrega dentro de si a colheita plena de tudo o que veio antes. A infinidade refina-se através da infinidade. O processo não tem fim.

É por isso que a jornada importa. Não porque você deva chegar em algum lugar, mas porque a própria jornada é o ponto. O Criador não criou um universo para alcançar um destino. Criou um universo para estar em todo lugar — em cada forma possível, com cada profundidade possível de experiência. Você é uma dessas formas. Sua vida é uma dessas experiências. O que você descobre aqui, na densidade da escolha, não pode ser descoberto em nenhum outro lugar.

. . .

Ponte Rumo às Densidades

Falamos do Criador — não como uma figura distante, mas como a consciência viva dentro de todas as coisas. Falamos da consciência como fundamento da realidade, do Pensamento Original que dá origem à criação como um único ato de amor, e do livre arbítrio como a condição que torna possível a experiência genuína. Vimos que você não está meramente dentro da criação, mas é você mesma uma co-Criadora, participando do autoconhecimento infinito do Uno.

Mas o autoconhecimento não ocorre de uma só vez. O Criador, ao escolher conhecer-se, escolheu também um método — uma progressão estruturada através de estados de ser, cada um com sua própria qualidade de experiência, cada um construindo sobre o anterior. Estes estados são as densidades da consciência.

A primeira densidade oferece consciência. A segunda, crescimento. A terceira — sua densidade — oferece a escolha. A quarta ensina o amor. A quinta, a sabedoria. A sexta, a unidade do amor e da sabedoria. A sétima é a porta para um mistério tão completo que a tentativa de descrevê-lo cai silenciosa. Cada densidade é um aposento numa vasta casa. Você já passou por alguns. Você está de pé em um agora. Outros aguardam.

A história das densidades não é sobre algum outro tempo ou algum outro lugar. É a história de onde você está agora mesmo — e para onde você está indo. A escolha que você enfrenta nesta densidade, o amor que você pratica ou negligencia, a sabedoria que você busca ou adia — tudo acontece dentro do currículo estruturado do autoconhecimento do Criador.

O que cada densidade pede à consciência, o que oferece, o que exige — este é o assunto para o qual agora nos voltamos. A arquitetura foi estabelecida. O Criador foi nomeado — não como alguém mais, mas como aquele que olha através de cada par de olhos, incluindo os seus. A pergunta agora não é quem cria, mas como a criação se desdobra: passo a passo, densidade após densidade, na longa jornada da consciência retornando para conhecer a si mesma.

Glossário

¹ **Pensamento Original:** A declaração mais importante sobre a realidade: todas as coisas, toda a vida, toda a criação é parte de um único Pensamento unificado. Não uma coleção de ideias separadas, mas um ato criativo avassalador do qual toda a existência emana. Este Pensamento não é conceituação mental, mas o impulso criativo primordial — a consciência movendo-se com intenção. Sua substância é o foco da infinidade em energia infinita, chamado pelos

muitos nomes de Logos ou Amor. A criação inteira é a expressão deste Pensamento Uno explorando a si mesmo através de infinitas perspectivas. Cada fenômeno, cada lei, cada ser é uma faceta de uma intenção unificada. A diversidade da criação não indica muitos pensamentos, mas revela a riqueza infinita de um.

2 Lei da Confusão: O princípio de que o livre-arbítrio de cada ser deve ser absolutamente respeitado. Por isso os seres mais evoluídos não podem simplesmente nos "resgatar" nem nos dar todas as respostas—fazer isso violaria nosso direito de aprender por nós mesmos. A "confusão" (não saber todas as respostas) é necessária para a escolha genuína.

3 Complexo Mente/Corpo/Espírito: O termo técnico para um ser consciente—o que comumente se chama de pessoa. O complexo consiste em três aspectos inter-relacionados: a mente (sede do pensamento, da vontade e da emoção), o corpo (o veículo físico para a experiência) e o espírito (o canal para a Infinitude Inteligente). Os três aspectos não são partes separadas montadas juntas, mas facetas de uma entidade unificada. Cada aspecto influencia e é influenciado pelos outros. Na terceira densidade, o véu do esquecimento obscurece o complexo espiritual da mente consciente, criando as condições necessárias para a Escolha.

Fontes

Fontes do Material Ra

§ The Two Faces of Infinity

Parágrafo 1 → Sessão synthesis

Parágrafos 2-3 → Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.6 — <https://www.lawofone.info/s/13#6>; Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>

Parágrafo 4 → Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 13.8 — <https://www.lawofone.info/s/13#8>; Sessão 28.1 — <https://www.lawofone.info/s/28#1>

Parágrafo 5 → Sessão 27.6 — <https://www.lawofone.info/s/27#6>; Sessão 28.1 — <https://www.lawofone.info/s/28#1>; Sessão 54.8 — <https://www.lawofone.info/s/54#8>

Parágrafo 6 → Sessão 27.6 — <https://www.lawofone.info/s/27#6>; Sessão 28.1 — <https://www.lawofone.info/s/28#1>; Sessão 82.10 — <https://www.lawofone.info/s/82#10>

Parágrafo 7 → Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 13.12 — <https://www.lawofone.info/s/13#12>

§ Consciousness Before All Things

Parágrafo 1 → Sessão synthesis

Parágrafos 2-3 → Sessão 1.0 — <https://www.lawofone.info/s/1#0>; Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>

Parágrafos 4-5 → Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.16 — <https://www.lawofone.info/s/13#16>; Sessão 13.17 — <https://www.lawofone.info/s/13#17>; Sessão 19.2 — <https://www.lawofone.info/s/19#2>

Parágrafo 6 → Sessão 13.17 — <https://www.lawofone.info/s/13#17>; Sessão 19.2 — <https://www.lawofone.info/s/19#2>; Sessão 19.3 — <https://www.lawofone.info/s/19#3>; Sessão 20.2 — <https://www.lawofone.info/s/20#2>

Parágrafo 7 → Sessão synthesis

Parágrafo 8 → Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 30.2 — <https://www.lawofone.info/s/30#2>

§ Why the Infinite Chose Limitation

Parágrafos 1-2 → Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 13.8 — <https://www.lawofone.info/s/13#8>; Sessão 13.9 — <https://www.lawofone.info/s/13#9>

Parágrafos 3-4 → Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 13.12 — <https://www.lawofone.info/s/13#12>; Sessão 78.11 — <https://www.lawofone.info/s/78#11>

Parágrafo 5 → Sessão 13.9 — <https://www.lawofone.info/s/13#9>; Sessão 15.21 — <https://www.lawofone.info/s/15#21>; Sessão 27.6 — <https://www.lawofone.info/s/27#6>

Parágrafo 6 → Sessão 13.7 — <https://www.lawofone.info/s/13#7>; Sessão 13.9 — <https://www.lawofone.info/s/13#9>; Sessão 27.12 — <https://www.lawofone.info/s/27#12>; Sessão 27.13 — <https://www.lawofone.info/s/27#13>

Parágrafo 7 → Sessão 13.9 — <https://www.lawofone.info/s/13#9>; Sessão 27.13 — <https://www.lawofone.info/s/27#13>; Sessão 27.14 — <https://www.lawofone.info/s/27#14>

§ From Vibration to Form

Parágrafos 1-2 → Sessão 27.6 — <https://www.lawofone.info/s/27#6>; Sessão 28.1 — <https://www.lawofone.info/s/28#1>; Sessão 28.2 — <https://www.lawofone.info/s/28#2>

Parágrafos 3-4 → Sessão 27.13 — <https://www.lawofone.info/s/27#13>; Sessão 27.14 — <https://www.lawofone.info/s/27#14>; Sessão 29.2 — <https://www.lawofone.info/s/29#2>; Sessão 29.18 — <https://www.lawofone.info/s/29#18>

Parágrafo 5 → Sessão 27.14 — <https://www.lawofone.info/s/27#14>; Sessão 29.18 — <https://www.lawofone.info/s/29#18>; Sessão 29.19 — <https://www.lawofone.info/s/29#19>; Sessão 40.1 — <https://www.lawofone.info/s/40#1>

Parágrafo 6 → Sessão synthesis

Parágrafo 7 → Sessão synthesis

§ The Cosmic Experiment

Parágrafos 1-4 → Sessão 77.12 — <https://www.lawofone.info/s/77#12>; Sessão 77.13 — <https://www.lawofone.info/s/77#13>; Sessão 78.10 — <https://www.lawofone.info/s/78#10>; Sessão 82.10 — <https://www.lawofone.info/s/82#10>; Sessão 82.12 — <https://www.lawofone.info/s/82#12>

Parágrafos 5-6 → Sessão 82.12 — <https://www.lawofone.info/s/82#12>; Sessão 82.18 — <https://www.lawofone.info/s/82#18>; Sessão 82.22 — <https://www.lawofone.info/s/82#22>

Parágrafos 7-8 → Sessão 82.18 — <https://www.lawofone.info/s/82#18>; Sessão 83.3 — <https://www.lawofone.info/s/83#3>; Sessão 83.4 — <https://www.lawofone.info/s/83#4>; Sessão 83.16 — <https://www.lawofone.info/s/83#16>; Sessão 83.17 — <https://www.lawofone.info/s/83#17>

§ You Who Create

Parágrafos 1-3 → Sessão 10.14 — <https://www.lawofone.info/s/10#14>; Sessão 30.2 — <https://www.lawofone.info/s/30#2>; Sessão 54.8 — <https://www.lawofone.info/s/54#8>

Parágrafos 4-5 → Sessão 10.14 — <https://www.lawofone.info/s/10#14>; Sessão 54.8 — <https://www.lawofone.info/s/54#8>; Sessão 66.12 — <https://www.lawofone.info/s/66#12>

Parágrafo 6 → Sessão 54.8 — <https://www.lawofone.info/s/54#8>; Sessão 66.12 — <https://www.lawofone.info/s/66#12>

§ The Infinite Knowing Itself Through You

Parágrafos 1-3 → Sessão 1.0 — <https://www.lawofone.info/s/1#0>; Sessão 1.1 — <https://www.lawofone.info/s/1#1>; Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 30.2 — <https://www.lawofone.info/s/30#2>

Parágrafos 4-5 → Sessão 30.2 — <https://www.lawofone.info/s/30#2>; Sessão 52.12 — <https://www.lawofone.info/s/52#12>; Sessão 82.10 — <https://www.lawofone.info/s/82#10>

Parágrafo 6 → Sessão 30.2 — <https://www.lawofone.info/s/30#2>; Sessão 46.9 — <https://www.lawofone.info/s/46#9>; Sessão 46.10 — <https://www.lawofone.info/s/46#10>

§ The Recognition

Parágrafos 1-2 → Sessão synthesis

Parágrafo 3 → Sessão 10.14 — <https://www.lawofone.info/s/10#14>; Sessão 13.5 — <https://www.lawofone.info/s/13#5>; Sessão 54.8 — <https://www.lawofone.info/s/54#8>; Sessão 82.10 — <https://www.lawofone.info/s/82#10>

Parágrafos 4-5 → Sessão synthesis

Parágrafo 6 → Sessão synthesis



*Este trabalho é uma interpretação filosófica do Material Ra, publicado originalmente por L/L
Research. Sessões originais disponíveis em [llresearch.org](http://lresearch.org)*